

## A POESIA DE ALBERTO DE SERPA : A ORDEM DAS COISAS

por  
F. JORGE VIEIRA-PIMENTEL

1. Não é segredo para ninguém que se vive um tempo caracterizado, em grande medida, pela *invenção* a todo o custo, um tempo onde o Homem, morto e enterrado Deus, parece baralhar o jogo e distribuir as cartas. Do cosmos possível se faz o caos, numa disputa em que, senhores da guerra, somos muitos, apostamos forte e vencemos nunca. Mas, nem por isso — *anima* certa, *animus* incerto, — desanimamos. Na humana e insaciável mira dos falanstérios, desfiguramos o real envolvente, retalhamo-lo, após o que, numa operação de saldo nem sempre claro, lhe passamos o respectivo atestado de menoridade. Com efeito, a *mimesis*, conforme múltiplas gerações, na esteira sobretudo da dupla Aristóteles/Horácio, a entenderam no Ocidente, ao estar sujeita, desde a segunda metade do século XVIII, a golpes de progressiva eficácia, tem-se acantonado, tímida e envergonhada, num fundo de cena cada vez menos discernível<sup>1</sup>. A este processo não tem, entretanto, sido estranho, no nosso século, o relevo axial dado ao

---

<sup>1</sup> Sobre *Invenção, Modernidade e Mimesis* veja-se o texto de Fernando Gil sobre « Invenção » publicado na Enciclopédia Einaudi (cit. por E. P. Coelho, « Sophia, a lírica e a lógica » in *Colóquio-Letras*, 57, Setembro 80, pp. 22-23).

*immanentismo* do universo literário, com tudo o que ele tem suposto de desvalorização de elementos pré-existentes (o próprio autor, o contexto espaço-temporal) tidos como de incómoda exterioridade e discutível relevância. Felizmente, não deixa de ser apaziguador de algumas consciências críticas (permeáveis à objectividade dos modernos estudos mas alimentadas, no berço, à sombra de impressivas e humanas cumplicidades) encontrar, por exemplo, alojado no próprio poema um alguém que é, nada mais, nada menos, que o confessado autor dos seus dias. Duma assentada se servem dois senhores, e nesta pessoana questão das *emoções* e respectiva *inteligência*, que atire a primeira pedra quem nunca tiver caído em tentação.

2. Daí que, a coberto da autoridade textual e muito escolarmente, se comece por relevar em Alberto de Serpa — após a leitura da sua *Poesia*<sup>2</sup> — o *homem*, que as quadras decassilábicas de « Dados biográficos » (289-290), educadamente gratas ao seu progenitor, fixaram em « linhas poucas » de lapidar ternura. « Menino bem nascido », boémio, ruidoso e apaixonado na mocidade, ele troca, em Coimbra, « estudos e saber da Lei / pelos sonhos do grupo da *presença* ». Constatando, todavia que « de sonhos não se vive » vai à vida, emprega-se, apaixonou-se, tem filhos, conhece a prisão, agradece, sem pejo, a Deus o pão de cada dia, e, no meio de tudo, tem, pelos vistos, tempo para fazer bons versos. Versos que, fazendo coincidir muitas vezes o intra e o extratextual, nos informam ainda, por exemplo em « Primeiras obras do autor » (p. 242) que o poeta que houve por nome civil Alberto de Serpa Esteves de Oliveira, não se enjeita como totalidade, assumindo mesmo os seus livros mais enfezados — *Saudades do mar* (1923), *Quadras* (1924), *Evoé* (1924) — que surgem

---

<sup>2</sup> *A poesia de Alberto de Serpa*, Porto, Edições « Nova Renascença », 1981. No nosso trabalho apenas se indica as páginas dos poemas citados, pois com facilidade se encontrarão no volume os títulos dos livros que os integram.

indicados ao lado dos seus irmãos na seriação das « Obras do autor ». Aperta-os até « com saudade ao coração » embora não esconda, com tocante sinceridade, o « pejo » que lhe cobre as « faces, a alma » quando os vê « junto de amiga ou inimiga mão ». É importante estar na posse destes elementos para melhor se compreender uma voz que, a partir de 1934, com a publicação de *Varanda*, se afinará progressivamente até se erguer como marco saliente duma época e, sobretudo, duma Sensibilidade por demais esquecida.

3. Que Sensibilidade ? Há um poema cujo final, pela sua própria natureza semântica, se prolonga para além da leitura, transformando-a em caixa de ressonância da « correspondência » sugerida pelo título :

Há horas que vêm mortos das torres em noites de luar  
e há almas que, como certas grutas perdidas, fazem eco ...

(p. 99)

Isto quer dizer que, no Universo, nada se perde, dada a permanente disponibilidade de almas, a que o leitor junta a sua, para reverberar infinitamente as coisas várias. E, se o mais humano meio de reverberar é *verbalizar*, tudo, então, talvez seja mais simples do que pensa a moderna vocação para o enigma, para o labirinto e para a consciência infeliz. Simples, porque as evidências ambicionadas e eternamente ocultas à nossa aventura e à nossa sede estão, afinal, também — e com um impacto não menos prezável — ao nosso lado, na *rua*, avistam-se da nossa *varanda*, oferecem-se à nossa *descrição*. Não há que amputar, subverter ou ignorar o trajecto diário, habitual, sob pretexto da sua precaridade ou ilusão ; há que deixá-lo (no poema, por exemplo) « fazer eco » para que a *vida*, que é na sua concretude *o dia de hoje*, se restitua apaziguada e em boa ordem. O poema torna-se, deste modo, o *lugar do Real* onde este diz (e lembra ...) a sua ordem.

A unidade de tudo em tudo parece ser a impressão geral que, do lado do leitor, se constitui, finda uma primeira leitura dos livros que Alberto de Serpa foi lançando, nem sempre regularmente, ao mundo desatento. As visões de conjunto, todavia, sedutoras que sejam, omitem as des-ordens, arritmias, contradições e perplexidades que se estendem ao longo da via sacra do Homem e o obrigam às opções. E a sua obra não está isenta, antes pelo contrário, do *drama* que, de geração em geração, passa o homem a outro homem. Só que nele toda a agonia se casa com a *normalidade* dos meios de expressão, numa operação concertada que espanta os afeitos às violentas distorções de alguma modernidade. Logo em *Varanda*, primeiro poema do livro homónimo —

Varanda, minha varanda !  
[...]  
A paisagem sempre igual  
que me dás, é sempre nova.

Varanda, minha varanda  
donde avisto  
tudo quanto se não vê !

(p. 23)

— o poeta deixa cair elementos fulcrais para o entendimento mais rigoroso do seu universo poético : é com base na paisagem « sempre igual » e, afinal, « sempre nova » que se avista « tudo quanto se não vê ». Tocado, paredes meias, pelo olhar perscrutador do poeta, e do homem, o real oferece-se à (e em) contínua nomeação (que é ordenação ...). Donde, ao estar muito próxima dum *realismo* que reproduz e transfigura, mima e inova, a poesia de Alberto de Serpa se transforme em passaporte para um acontecimento superior cuja realização está, ao mesmo tempo, dentro e fora dela, num ponto óptimo onde um mais um (homem e real) é igual a um (o Real). É, em suma, uma poesia onde tudo, com calma, remete para uma unidade e uma ordem inerentes às coisas e aos homens : tudo o que é Real é Poético, tudo o que é Poético é Real.

4. Já se pode, então, dar mais alguns passos e mudar um pouco de posição na focagem dos actores principais deste Real que, à vista desarmada, se move com vagarosa circularidade. São eles, como se depreende, e em papéis de igual projecção, o mundo exterior (o cosmos, a natureza vária, os homens muitos) e o mundo interior (o poeta-homem ; o homem-poeta) : é nas junturas do biombo que a poesia — o Um no acto de *se dizer* — acontece :

O homem dormiu, sonhou.  
Os animais, as árvores, as coisas  
não viveram também, durante a noite.  
Todos acordaram para a vida,  
como se agora tivessem vindo ao mundo,  
com o conhecimento trágico da experiência.

É evidente que esse « acordar para a vida » não apenas inclui as partes em presença, como força a passagem para um terceiro espaço, já em potência nos anteriores :

Só as aves são livres  
e a fantasia traça os seus caminhos  
Felizes, as aves !

E o homem também pode ser livre,  
mas tem de seguir os caminhos abertos por outros ...

(« Manhã », pp. 49-50)

Cá temos o homem. Não o homem « tout court », fora do mundo, assepticamente desenhado, como se as suas paixões, volições, afectos e sonhos fossem passíveis de isolar. Não tão pouco o mundo magnificamente isolado da consciência nomeadora, relações cortadas com a voz que o diz. Cá temos, isso sim, o homem em situação concreta e o mundo em situação humana, ambos se equilibrando num movimento de intenção e oferta. É, por isso, que muitos dos seus poemas e dos seus livros têm títulos prosaicos, correspondendo à preocupação daquele que circula por entre coisas familiares, com o ar de quem, desde sempre, pegou no « violino velho, desafinado e esquecido » e foi « pelo mundo fora » (« Via-

gem sentimental », p. 95). Na sua querida « província », ao « domingo », de « manhã » ou à « noite », passeando pela « rua », pelo « cais », pelo « subúrbio », o poeta não é indiferente ao « encontro » (e ao « desencontro »), às « nuvens », ao « circo » e, até, a um « sanatório », a um « enterro », a « um vulto na noite » ... Todas as coisas lhe enchem os sentidos e o espírito, num processo de maturação que, lento embora, não pára, mesmo quando ele enceta o « regresso » à « sala », ao « serão quieto », à « intimidade » da « fonte » (que ele quisera ser em *Varanda* e acabará por ter no livro de 43), à cumplicidade duma « vocação longínqua » que, sem cessar, espera a « hora propícia » da « poesia », quer ela venha (o que é decisivo na vida do poeta) em forma de « poema de amor », quer ela venha (o que é decisivo na vida do leitor) na forma da « poesia perdida » a recuperar ...

Por aqui se vê, além do mais, que, se a poesia de Alberto de Serpa se escora na realidade exterior quotidiana, não deixa de ser banhada pelo « mar interior e calmo » (« Inutilidade », p. 98) do poeta, num encontro transformador pedido por ambas as partes :

Há uma realidade aparente / perigosa.  
É necessário / saber o fundo e o fim /  
daquilo com que jogamos / na vida. /

Ninguém se deixe levar / pelas ordens dos sentidos ! /  
Eles são como os insectos / que uma luz chama e consome. /

Vede ! / O mar deslumbra os nossos olhos /  
e nas suas ondas está a morte ... /

O amor é atracção contínua /  
e no fim do amor é o cansaço ...

(« Realidade », pp. 38-39)

Este poema, de significativo título, pertence ao livro « inicial » *Varanda* (Edições Presença, 1934), escrito quando apenas se vislumbra a « transparência » e « sabedoria » que o poeta acabará por encontrar nos anos posteriores — com todos os altos e baixos

duma vida orientada para « saber o fundo e o fim daquilo com que jogamos ». Contém ele — e deixando, por agora, o incisivo jogo do Amor e da Morte — uma espécie de filosofia do nosso contacto com o exterior, filosofia cautelosa quanto às « ordens dos sentidos » e responsável, em linha recta, pela convicção de que o *Real* é mais complexo do que pode supor um olhar apressado. Não se trata dum *Real-outro* que rivalizaria com o *Real-mesmo* mas o modo privilegiado como um *Real* (mesmo e outro ou « igual e vário », p. 264) se auto-consciencializa : a « coisa linda » do ortónimo é (Real)ização dum mundo que, ao incluí-la, cumpre, pelas vias que lhe são próprias, o abrangente plano divino.

5. E as coisas vão-se clarificando quando se considera o lugar que, no universo do escrito, o sonho reivindica, logo a partir do citado primeiro poema do livro « inicial » :

Varanda, minha varanda [...]  
Contigo — sonho, / interrogo o destino  
espero ...

(p. 23)

Já Fernando Pessoa postulava, em termos com certeza polémicos, a centralidade do *sonho*, quando se quisesse « resumir, numa palavra, a característica principal da arte moderna »<sup>3</sup>, acrescentando, em seguida, como explicação, o facto de, na época contemporânea, o pensamento e a acção se terem inexoravelmente cindido. E, mais à frente, acrescentara : « Havia três caminhos a seguir : 1) entregar-se ao mundo exterior, deixar-se absorver por ele, tomando dele a vida oca e ruidosa, o esforço sumamente esforço, a Natureza simplesmente Natureza [...] 2) Pôr-se ao lado, à parte dessa

---

<sup>3</sup> V. *Páginas de estética e da teoria e crítica literárias*, 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Ática, 1973, p. 153. Ver ainda as páginas seguintes para um mais correcto entendimento da especulação pessoana.

corrente, num sonho todo individual, todo isolado, reagindo inertemente e passivamente contra a vida moderna [...] 3) Metendo esse ruidoso mundo, a natureza, tudo, *dentro do próprio sonho* — e fugindo da « Realidade » nesse sonho. É o caminho *português* (tão caracteristicamente português) — que vem desde Antero de Quental cada vez mais intenso até à nossa recentíssima poesia »<sup>4</sup>. É evidente que, quando Pessoa escreve isto não conhece Alberto de Serpa mas talvez não lhe ficasse mal adivinhá-lo, uma vez que ele, melhor do que ninguém, sabia da necessidade futura de sarar a ferida profunda que a sua obra — que tem parte de leão na « aventura ontológica negativa » do *Orfeu*<sup>5</sup> — ia deixar no seio duma contemporaneidade céptica, angustiada e sem valores. E seria preciso sarar a ferida, pura e simplesmente porque há que continuar a viver e sempre as fénixes têm de renascer das cinzas por muito atraentes e *originárias* que estas sejam.

Sabendo que, depois das *revoluções*, nada volta a ser exactamente como era, vai Alberto de Serpa, ordeira, anónima e pacientemente, inserir-se no movimento indispensável de re-ligação, seguindo um « caminho » que poderíamos caracterizar como sendo o inverso do terceiro referido por Pessoa na sua especulação — introduzir o sonho bem dentro do mundo ruidoso, da natureza e da própria vida para que a *ordem* do Real — à beira do abismo sempre que a *consciência* e as *coisas* se desentendem — volte a ser possível :

Esta fonte aqui surgida, / no meio desta meseta /  
inútil, ardente, brava, / é como o verso dum poeta, /  
que põe um sonho na vida / de quem já nada esperava.

(« Água », p. 340)

---

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 156.

<sup>5</sup> Seguimos aqui a « leitura » — que nos parece globalmente pertinente, quanto ao *Orfeu* — feita por Eduardo Lourenço (*Tempo e poesia*, Porto, Inova, 1974, pp. 165-194. A citação feita está a páginas 169).

O sonho incorporado na realidade, é condição da sua realização — (« sonho de tantos meses que vai ser realidade ») — mesmo quando redundante em « desilusão » :

E, quando regressares à vida provinciana e igual,  
 cairás aos soluços na tua cama incómoda,  
 sem sonhos para as noites que virão mais tristes e  
 mais longas ...

(p. 158)

Por consequência, na « encruzilhada » que, tarde ou cedo se nos depara, não há como saber — e daí tirar todas as ilações convenientes — que, « sonhar, agora é a teu lado / estar, estar em ti perdido ... » (p. 191). Isto não quer dizer que a ânsia moderna, mais ou menos sempre sonhada, da *partida* (ausência e fuga) se não repercuta em vários dos seus poemas, mas a verdade é que logo se encontra, neles e noutros, um convincente freio a que não é estranho um íntimo sentido da medida e do *ficar* (ver, por exemplo, « Mais valera » e « Versos dum crepúsculo » de *A vida é o dia de hoje*, « Serão quieto » e « Desilusão » de *Lisboa é longe*, « Partida e Regresso » de *Vê se vês terras de Espanha*). Tudo isto indica, sem sombra para dúvidas, que o poeta está em condições excelentes para interpretar, dum modo *realista* (até no sentido que o vulgo dá a esta palavra), a vida, vida que *é o dia de hoje* e que passa ao largo duma Lisboa que fica longe « lá longe » ...

6. Na verdade, Alberto de Serpa, é um homem da « Província » como, em polémico dia, e não sem argumentos, evidenciou, referindo-se aos escritores presencistas, David Mourão-Ferreira<sup>6</sup>. Mas é um provincianismo (Mourão-Ferreira chama-lhe provincialismo) que não desconhece que as razões profundas duma Comunidade se tecem de múltiplas malhas coniventes, das quais o cosmopolitismo, sendo importante, é apenas uma. Acresce ainda ser lícito suspeitar das ingénuas aberturas ao todo, feitas sob a exces-

---

<sup>6</sup> V. « Caracterização da *Presença* ou as definições involuntárias », *Presença da Presença*, Porto, Brasília Editora, 1977, pp. 23-44.

siva liderança das capitais, já que estas, algumas vezes, se revelam ser abcessos de representatividade (cultural e política) duvidosa. E, no caso da Ibéria, sempre as suas gentes encontraram uma « raça maldita/bendita » — raça de poetas — que as cantasse :

E vão deixando uma canção,  
um verso só até, às vezes,  
que em horas más consolarão,  
de quantas almas os revezes !

(« Poetas da Ibéria », p. 303)

É esta concepção da lírica fluindo orgânica, normal e *intimamente* ao longo duma comunidade de « almas », alimentando-as e delas se alimentando, que vai fazer deste poeta um dos menos visíveis dum movimento e duma geração de *terapeutas*, que espera a hora de ser entendida e aceite na exacta dimensão do espaço irremediável onde nasceu. A sua difícil evidência terá, obviamente, muito a ver com a evidência fácil das sensibilidades prometaicas (mais expressionista em Régio, mais « vincada » no Torga inicial) o que não quer dizer que um dia os dados não se possam inverter. Na realidade, aqueles que são dados como *desaparecido(s)* (um Carlos Queirós), depois de terem feito poemas à noite e *da noite*, (um Alberto de Serpa) de terem cantado *entre o céu e a terra* (um Francisco Bugalho), numa ânsia de *mais e mais* (um Saul Dias) poderão surgir com todas as suas diferenças (e, já agora, acrescente-se aqui o nome de Branquinho da Fonseca/António Madeira) como elementos-chave presencistas na crucial recuperação/superação<sup>7</sup> duma continuidade fundamente abalada pela *revolução* que, em hora também saudavelmente polémica, Eduardo Lourenço apontou<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> J. Gaspar Simões, no prefácio a *Poesia de Alberto de Serpa*, acertadamente, alinha o seu autor entre os líricos presencistas aos quais chamara noutra obra « poetas de entre a subversão e a tradição » (p. 12).

<sup>8</sup> Acrescente-se que o ímpeto *revolucionário*, se mudou de natureza e direcção, não se deteve, avançando por caminhos, num processo contrapolar ainda mal definido, que lhe traçaram homens como António de

Obras como *20 poemas da noite*, sangue e raiz duma densa interioridade, são a prova provada duma vocação para ser e estar na « sombra » (não será o púdico Sombra<sup>9</sup> de *Jogo da cabra-cega* mais determinante para a compreensão das perturbações íntimas duma geração do que permite ver a dupla Jaime Franco/Pedro Serra?), *ser* e *estar* profundamente questionador de problemas cuja insolubilidade o poeta, à partida, conhece e aceita: os da Interrogação, da Dúvida, do Silêncio do Mistério, da Ausência (mas Presença...). Longe de dispersar, de pulverizar o sujeito, vai a noite ser escolhida como instrumento duma unificação que as obras seguintes (nomeadamente *A vida é o dia de hoje* e *Drama*) certificarão irrefragavelmente. Uma unificação que redundará na *presença* já adivinhada através da positiva coordenação de diferentes estados de alma — « a noite vai pôr no teu sono a sua serenidade » (p. 85) —, através da calma e humilde atenção às *cumplicidades interseccionistas* do exterior/interior — « esta chuva é a mágoa de alguém » (p. 82) —, através, finalmente, da total entrega da alma e dos sentidos à resposta-a-vir — « e uma menina espera uma noite futura / debruçada à janela sobre a noite clara » (p. 81).

7. Não sendo vã, a espera é árdua e tormentosa, feita, quantas vezes, de vitórias e revezes, sisificamente alternados. Daí que, no conjunto da obra seja perceptível a lógica dum trajecto,

---

Navarro, António Pedro, Edmundo de Bettencourt, Vitorino Nemésio (para não falar dos primo-modernistas Mário Saa e Raul Leal), caminhos esses que, passando também pela encruzilhada presencista, desembocarão na aventura surrealista dos anos 40. Entre Régio e Torga, por um lado, e este grupo *revolucionário*, por outro, passa talvez a verdadeira Presença, a *intimista*, designação esta sugerida, já em 1935, por A. Casais Monteiro, numa crítica a *Varanda* (V. *Presença*, 45, Coimbra, Junho, 1935, pp. 18-19).

<sup>9</sup> « O seu temperamento [de Alberto de Serpa], timidamente afectivo, e terra-a-terra que Régio desenhou com excepcional simpatia no « Sombra » do *Jogo da cabra-cega* ». Óscar Lopes, *História ilustrada das grandes literaturas. Literatura portuguesa*, II, Lisboa, Estúdios Cor, 1973, p. 860).

duma busca que, numa segunda fase — isto se não incluímos a juvenília e considerarmos a primeira como começando em *Varanda* e acabando em *Rua*<sup>10</sup> — dir-se-ia caminhar, semântica e formalmente, no sentido dum assumido clacissismo, onde a arte e a vida se completam e equilibram. Como toda a humana, e *humanista*, procura, também esta é modelada pela « experiência » (p. 127), a qual, ao olhar-se como saber feito, se constitui no marco, etapa ou sinal que separa, sem remissão possível, as águas do passado e do presente :

É a vida agora, quem dobra os meus joelhos cansados  
que guardam as marcas das pedras mais rugosas.

(« Experiência », p. 127)

Separa tanto mais, quanto mais sentida, funda e urgente se torna a « Alvorada » :

Irmãos, é preciso voltar ao princípio,  
e não pode haver hora mais própria nem mais certa.

(p. 113)

É, aliás, interessante saber que, se esta apóstrofe inicial é feita com a nostalgia romântica dos paraísos perdidos, não o é menos com a pronta disposição de recomeçar a história. Isto é, o poeta não volta as costas ao tempo que dentro do tempo se forma, esse Tempo histórico e humano, tão posto à margem pelos saudosos da Acronia e do Silêncio :

As aves começam a elevar seus cantos  
com a insegurança dos primeiros passos da vida,  
o vento nocturno desfez as pegadas marcadas na terra,  
e o ar fresco deixa-nos um frio de habitantes nus dum planeta  
[ignorado ...

(p. 113)

---

<sup>10</sup> Divisão de mera circunstância, que apenas se estriba em « questões de conteúdo » e que teria como texto de transição para a fase seguinte o poema « Retrato e lição de Gomes Leal » (1948).

Quem afirma isto, está disposto, regressado embora « à origem », a recomeçar e a submeter-se, corajosa e horacianamente, aos caprichos do Tempo que foge. Esta disposição, presente em poemas como, por exemplo, « Enquanto é tempo », « Fábula » (*A vida é o dia de hoje*) ou « Aviso » (*Rua*) encontrará modelar formulação irónica (a ironia é sobretudo visível a partir dos anos 50) em poemas como « Versos de Almanaque » ou « Primeiras obras do autor » (*Almanaque de lembranças*).

8. Compreende-se melhor tal capacidade de resistir quando se percebe que ao Tempo se misturam os temas humanamente medulares do Amor e da Morte — a Mors — Amor da nossa tradição lírica que, uma vez mais, perante a empresa corrosiva do cepticismo modernista, o poeta vai enfrentar com íntima, e *intimista*, serenidade. Para ele, a Morte e o Amor (e com outra tonalidade a Amizade) são a pedra de toque do equilíbrio e da renovação do Universo, facto que, não rasurando só por si alguma injustiça e desespero, inscreve-se numa teologia ou, talvez com mais razão, numa teleologia superiormente assinada. Poucos serão os poemas que, explícita ou implicitamente, não reenviem para esse binómio, mas entre todos, ganha especial significado o poema « Eternidade » (incluído, de resto, no livro *Fonte*, cuja dedicatória — « só para minha mulher » tem um alto significado) :

O meu olhar, logo que vi  
teus olhos tristes, conheceu-os.  
O caso foi de mim e ti  
e amor e vida e morte e Deus.

Tudo ali se jogou logo :  
a vida, a morte ... Sei eu lá !  
Que final põe Deus nesse jogo,  
nem no final se saberá.

Que, mesmo sendo nós ninguém  
e as nossas órbitas vazias,  
ficam as almas que não têm  
o passar breve destes dias ...

(p. 191)

A importância deste poema — escrito sem desconhecer « um tradicionalismo que já contém, na sua história, a lição de Fernando Pessoa ortónimo »<sup>11</sup> — está ainda, como facilmente se depreende, na explícita nomeação do elemento cúpula do universo de Alberto de Serpa e, contas bem feitas, da geração a que pertence: um Deus-*Presença*, nunca *absconditus*, dramatizador (logo solucionador) dos perturbantes dilemas « dos homens que se perdem na noite » (p. 130) sem Ele. É, de resto, um Deus cujo eclodir se adivinha desde as primeiras obras, onde palavras como « Conflito », « Revolta » (que é de puro tédio), « Desejo », « Longe », « Fim » são escolhidas para encimar poemas de latente interrogação. Eclodir é o verbo/substantivo mais pertinente para traduzir o intenso (e, em certa medida, claudeliano) convívio com Alguém do qual dependerá a « salvação do mundo » (pp. 1118-123). Quando, em 1940, a Europa intensifica a sua convulsão, é com um Deus católico, pessoal — chave última duma *ordo mundi* ameaçada pelo desequilíbrio — que o poeta, angustiado entre « o cá e o lá » (pp. 132-133), enceta uma dramática « oração », feita de « sabedoria » mas também de « recuo », de « escalada difícil » mas, enfim, de « confirmação » :

○ teu Filho poderá voltar à terra.  
 E terá em frente dos olhos uma paisagem nova,  
 uma paisagem de sonho em noite de dia sem pecados.  
 (...)  
 E os homens, Senhor, saberão finalmente que são irmãos em  
 [Teu Filho ...

(« Drama », p. 143)

Tudo se faz para inverter a Ausência legada à lírica posterior por aquele de quem Sophia de Mello Breyner diz ter vivido « no anverso » e ter sido « viajante incessante do inverso »<sup>12</sup>. Alberto de Serpa, ao contrário desse Pessoa, vive *às direita* (com toda

<sup>11</sup> J. Gaspar Simões, *ibid.*, p. 14.

<sup>12</sup> V. o poema « Cíclades », *Antologia*, Círculo de poesia, Morais Editores, 1975, p. 263.

a dúvida, procura e dor que isso também implica), é um viajante do *verso*, viajante que se preocupa em sarar — nunca em acentuar — as feridas que possam existir, porventura, entre o mundo dos deuses (e não deuses ...) e o mundo dos homens. Não compreendo, estes últimos, quantas vezes, a bizarria dos primeiros, aceitam-no com o estoicismo, a que não falta o — talvez pecaminoso — orgulho duma humana condição, dividida agora, para reinar depois ...

9. Não é ainda muito fácil, dada a nossa proximidade temporal, traçar a linhagem disto e é natural que, no momento de o fazer surjam realidades entretanto ocultas e com peso decisivo. Até mesmo a sua obra dos anos 50, onde a « experiência » das coisas se patenteia com mais clareza, não deixará de fornecer resultados surpreendentes quando objecto dum estudo em profundidade. Com efeito, ultrapassado o meio caminho da vida (Alberto de Serpa nasce em 1906) o poeta sente chegado o momento de fruir plena e merecidamente, com todas as consequências ético-estéticas, o equilíbrio procurado. No cerne desta etapa continua a estar a *realidade*, a qual agora se faz menos geral, avançando, em força, com referências concretas, datáveis, historiáveis. Aliás, a sua propensão mimética, mais ou menos perceptível antes, solidifica-se agora, com a evidente opção por uma linha criadora pedagógico-moralista :

Escuta as vozes dos poetas,  
no canto mais sentido e mais profundo,  
a acharem-se por fim quietas,  
num abraço de exemplo para o mundo.

(« Pregão », p. 294)

O poeta tem, dia a dia, a vida que, no fim de contas, sempre cantara : acontecimentos, amigos, lugares. Estes são referenciados, chamados pelo próprio nome, facto que empurra a sua lírica para o diálogo, tácito ou explícito, e para as implicações gnómico-reflexivas que uma ironia (nem sempre leve) torna naturalmente

densas. Há agora um eu — referente poético mas também extra-poético — que se põe em cena com os outros e para os outros : ele dialoga, exorta, interroga, reflecte, satiriza, recuperando, sem complexos, a tradição clássica de contínua intervenção ética (talvez a forma mais depurada do verdadeiro *compromisso*) que vem, entre outros, de Alceu e Arquíloco, passando por Horácio e seus avatares renascentistas. Aliás, grande parte dos seus poemas desta fase, se admitirmos o entendimento livre dos cânones formais, são susceptíveis, pela grande variedade de assuntos (a importância da fruição do instante, o encómio do homem ilustre, o prazer do vinho e outros), de ser aproximados das odes clássicas ou talvez melhor, das elegias, dado o tom profundamente melancólico, duma tristeza lírico-irónica, que desde sempre paira sobre a poesia de Alberto de Serpa. Poder-se-á mesmo detectar epístolas (« Sugestão a Ribeiro do Couto », pp. 151-153), epigramas/epitáfios (« Para o túmulo de Manuela Porto », p. 270), sátiras (« Salve-se a poesia da Academia », pp. 255-257), élogos (« Ecos de Afonso Lopes Vieira », pp. 267-268), epidécios vários (« À alma de Leonardo Coimbra », p. 243, « Despedida de Francisco Bugalho », pp. 286-287 ; « Na morte de Mário de Andrade », p. 264). Não é, consequentemente, Alberto de Serpa, um lírico ensimesmado como, de sobejo, o demonstra o importante documento poético (« Pregão », pp. 291-295) que, ainda à maneira interventora dos clássicos, ele preparou para o I Congresso de Poesia em Segóvia. Verdadeira expressão do poeta como ser eleito, guia do Homem, da Cidade e do Prazer superior, tal documento insere-se na antiquíssima tradição (também aristotélico-horaciana) de que a poesia deleita e é útil. Já em « Drama » (1940) e em poemas dispersos ao longo de outros livros, o escritor não voltara, matreira ou olímpicamente, as costas às questões do seu tempo. Vive-as, contudo, à sua própria e justa medida, sem talhar para si, dentro do poema, o fato que, fora dele, se guarda na gaveta, assim se poupando ao grotesco (decerto não desumano) das palinódias exibidas e gritadas. Sem vocação para herói morto, com os humanos « medos » (p. 360) que *Versos secretos* atestam mas capaz, ao mesmo tempo, de dizer na vida e alta voz da poesia, a sua emoção « ante uma tela

de Goya » (p. 343), Alberto de Serpa é intérprete por excelência do homem avisado, de pés bem assentes na terra, adversário declarado (muitas vezes ternamente irónico) dos extremos na Vida e na Literatura. A uma carta onde Cecília Meireles, descendente de açorianos, lhe expressa o desejo de ir ver um « galeão cheio de ouro, afundado na Graciosa », concreta prova das « riquezas maravilhosas da antiga Atlântida », o poeta faz o seguinte « aviso a Cecília Meireles » :

Cecília Meireles, Cecília Meireles,  
— não tendes receio do fundo do mar ?  
Há peixes terríveis. Cuidado com eles,  
que são bem capazes de vos devorar !

Cautela, Cecília ! Temos mais razões.  
Dai por terra firme os mais dos vossos passos  
(...)  
E o galeão vago de que sois escrava !  
Coragem, Cecília, para entrardes lá ?  
(...)  
Sede vagarosa, — vagarosa e cauta !  
Mesmo em terra nossa, — que fados ! Que fados !  
Deixai esses sonhos, continuai nauta  
nas ondas serenas dos versos sonhados.

(pp. 260-261)

10. Cautela, vagar, firmeza — requisitos que, decerto, têm permitido a Alberto de Serpa estar no meio do combate duma vanguarda esquecida : o da re-singularização/re-unificação dum Sujeito que Pessoa, com génio e método, pluralizou, ao longo da sua obra. Nunca se sabe, de resto, até que ponto, num audaz golpe de visionarismo *futurista*, o poeta das cabeças várias, pelo uso duma dialéctica dos contrários, não almejaria, em última instância, permitir, via pósteros, a recuperação/radicação sólida dum Sujeito, a quem a violência dos golpes dispersivos obrigasse ao instinto de *Ser* (para poder dizer que *É* ...). Estar-se-ia, então, em face duma gigantesca montagem cénica que, se não retira a tónica à acção do *Orfeu* e sobretudo de Pessoa, chama a atenção

para a consciência que eles tiveram dos seus limites realizadores (quanto mais não seja os que o tempo inexoravelmente impõe) e para a necessidade que, simultaneamente, sentiram em passar testemunho e dar larga capacidade de iniciativa à geração seguinte. Geração que, cumprindo-se como resposta ao gesto *revolucionário*, incorporasse na sua escrita — escrita de vanguarda — polos não pacíficos mas dinamicamente complementares. Daí não repugnar a « espécie de bonapartismo poético » que refere Eduardo Lourenço<sup>13</sup>. Só que convirá dar à expressão (a aceitar-mo-la definitivamente, pois no caso da Presença *intimista*) — a « verdadeira » ? a mais representativa ?<sup>14</sup> — a sua acção faz-se sentir ao invés da espectacularidade do Corso) não apenas a sua dimensão de recuperadora de tecidos afectados ou a afectar (veja-se, por exemplo, a adequação da metáfora ou melhor, o processo de reunificação da voz, em Alberto de Serpa) mas também, e em grau elevado, a dimensão de respeitadora e observadora (o versilibrismo das primeiras obras é concludente) da lição dos factos irreversíveis.

Como quer que seja, pelo interior do *Orfeu* e da *Presença* passam duas faces da nossa identidade, poética e cultural, contemporânea cuja interpretação em termos de complementaridade urge não perder de vista. Será esta, também, a *Mensagem* ? A não ser, que remédio há senão — como o faz a voz *íntegra* e *una* de Alberto de Serpa — impor às ruínas a ordem natural das coisas ?

Das Coisas e dos Homens.

---

<sup>13</sup> *Obra cit.*, p. 188.

<sup>14</sup> É evidente que temos consciência da polemicidade de todas estas afirmações (das nossas, escolhendo alguns nomes, das alheias, escolhendo outros nomes e, umas e outras, concluindo demasiado depressa da parte para o todo. Na verdade, há que proceder à captação, no interior da diversidade dos colaboradores, dos textos e das escritas, o que foi realmente a *Presença* (ou as *Presenças* ...): a de Régio/Torga, a de Casais Monteiro, a daqueles a quem este último chamou de intimistas, a de António de Navarro/António Pedro/Edmundo de Bettencourt? O nome *Presença*, como se vê, parece dar guarida a muitas *presenças*. Só depois de se aferir isto, é que se poderá começar a concluir com segurança ...